

## RESENHA: DESCOBRIR A VERDADE POR NÓS MESMOS

FERNANDO BONADIA DE OLIVEIRA \*

ESPINOSA, Bento de (2023). **Tratado da Emenda do Intelecto; Medicina da mente; Correspondência completa entre Espinosa, Tschirnhaus e Schuller e outras cartas conexas**. Prefácio, preparação dos textos latinos, tradução e notas de Samuel Thimounier Ferreira\*\*. Introdução e posfácio de Cristiano Novaes de Rezende. Belo Horizonte: Autêntica. Coleção: Filô: Espinosa.

**A** mais recente tradução publicada pela coleção FilôEspinosa da Editora Autêntica reúne a primeira obra de Bento de Espinosa, o *Tratado da Emenda do Intelecto*, bem como a parte inicial do livro *Medicina da Mente* de Ehrenfried Walther von Tschirnhaus, a correspondência entre os dois autores com a participação de Georg Hermann Schuller e uma série de outras cartas do epistolário espinosano que se relacionam aos temas por eles tratados. Os textos são introduzidos por Cristiano Novaes de Rezende, certamente o maior estudioso brasileiro do *Tratado da Emenda do Intelecto*, que também escreve o posfácio ao volume. Todo esse rico material é prefaciado pelo tradutor,

Samuel Thimounier, que realiza seu ofício com o rigor e o cuidado conhecidos do público desde sua especialíssima tradução da *Correspondência entre Espinosa e Oldenburg*, em 2021, pela mesma Editora.

Se fosse necessário resumir em uma frase o sentimento que atravessa cada uma das traduções publicadas no volume, não teríamos dúvida em afirmar que seria essa: “A via mais excelente que é lícito iniciar nesta vida é a descoberta da verdade por nós mesmos”. Esta é a última frase da primeira parte da obra *Medicina da mente*, publicada em 1687, dez anos depois da morte da morte de Espinosa. O autor estudou Medicina em Leiden e se tornou, nos séculos seguintes, uma referência nas universidades por seus trabalhos científicos em física e em matemática. Hoje, contudo, lembramo-nos dele por ter sido um correspondente de Espinosa, pensador cada vez mais familiar ao público brasileiro.

O impulso de “descobrir a verdade por nós mesmos” é o tema da primeira parte do livro de Tschirnhaus, mas reporta a uma discussão existente, pelos menos, desde a obra Descartes. Nas *Regras para a direção do engenho*, recordemos, Descartes (1971, p. 16) fez o elogio de escolas como aquela em que foi educado, a dos jesuítas, mas reconheceu ter chegado o tempo de tirar a mão à palmatória, liberar-se do juramento que o submetia às palavras do Mestre, buscando impor a si mesmo regras com cujo auxílio se sentisse apto a atingir o “cume do conhecimento humano”. No *Discurso do método*, depois de detalhar seu percurso intelectual, ele afirmou ter sido levado a deixar o estudo das Letras assim que a idade lhe permitiu escapar à sujeição de seus preceptores; naquele tempo, ele decidiu viajar e não buscar outra ciência senão a que podia encontrar em si mesmo ou no “grande livro do mundo” (Descartes, 1979, p.

---

\* Licenciado em Pedagogia (2002) e Filosofia (2010) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação (2008) pela mesma instituição. Doutor em Filosofia (2015) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Professor de Filosofia da Educação e de Filosofia da Educação Brasileira do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) entre 2017 e 2023. Professor de Filosofia da Educação no Departamento de Filosofia e História da Educação (DEFHE) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) desde março de 2024.

\*\* Possui graduação em Engenharia de Materiais pelo Instituto Militar de Engenharia (2012), graduação em Filosofia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (2012) e Mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2019). Tem experiência na área de Filosofia Moderna, sobretudo no estudo e tradução de textos e obras do filósofo Bento de Espinosa.

33). Nas *Meditações*, enfim, a via demonstrativa da análise (e não a da síntese) foi escolhida por ele com a seguinte justificativa: na análise, percorremos o caminho verdadeiro que nos leva a saber como a coisa verdadeira foi descoberta, de tal forma que, por meio dela, tudo é demonstrado com a mesma perfeição daquele que a descobriu; essa demonstração seria, portanto, uma propriedade do leitor como se ele mesmo a tivesse descoberto (Descartes, 1983, p. 167).

Entre Descartes e Tschirnhaus há Espinosa, que inicia o *Tratado da emenda do intelecto*, afirmando buscar uma coisa que, “descoberta ou adquirida”, desse-lhe a fruição de uma contínua e suprema alegria. Assim como Descartes não apenas almejava descobrir a verdade da melhor maneira, mas também transmiti-la com a maior comodidade possível, Espinosa se dispôs a descobrir um bem que fosse comunicável (Espinosa, 2023, p. 75). A busca era por descobrir e demonstrar o verdadeiro, não apenas memorizá-lo dogmaticamente, como já no tempo de Espinosa se fazia em relação ao pensamento de Descartes. Lodewijk Meyer (2015, p. 35), no prefácio dos *Princípios da filosofia cartesiana* de Espinosa, atesta:

[...] muitos que deram nome a Descartes, ou arrebatados por um cego impulso, ou levados pela autoridade de outros, guardaram tão-somente de memória a posição e os dogmas dele; quando lhes ocorre uma conversa sobre isso, só sabem falar e tagarelar sobre tais coisas, mas nada demonstrar, tal como outrora foi praxe, e ainda hoje é, aos sequazes da filosofia peripatética.

Espinosa era conhecedor do cartesianismo e procurou demonstrar as conclusões de Descartes em ordem geométrica, entre outras razões, para que seus contemporâneos não precisassem fazer uma leitura dogmática das novidades científicas que aprendiam ou que escutavam quando circulavam fora das *academiae*. Foi, aliás, como um cartesiano que Espinosa foi notado pela primeira vez por Tschirnhaus. Na primeira etapa da troca de cartas que mantiveram, quando ainda não se conheciam, Tschirnhaus, um cartesiano, conhecia provavelmente os *Princípios da filosofia cartesiana* e os *Pensamentos metafísicos* de Espinosa, e se dirigiu a ele como a outro cartesiano com quem tinha disputas a travar.

Depois que se conheceram pessoalmente e dialogaram, e também depois que Tschirnhaus já havia lido, pelo menos, o *Tratado da emenda do intelecto* e a parte I da *Ética*, as coisas mudaram: as cartas passam a ser “um misto de consulente e aprendiz”. Já na última etapa da correspondência, a relação se manteve com Tschirnhaus assumindo o papel de “um pensador que apresenta objeções a um outro em quem confia e cujas ideias pretende adotar” (Chauí, 2011, p. 251). Em resumo, Tschirnhaus foi um amigo de Espinosa e provou sua amizade em algumas ocasiões.

A existência da obra *Medicina da mente* de Tschirnhaus é a manifestação de que a amizade entre eles esteve além dos encontros pessoais, dos diálogos filosóficos e das cartas que escreveram. O *Medicina da mente* apresenta, segundo Chauí (2011, p. 249), uma estrutura similar ao incompleto *Tratado da emenda* de Espinosa, “como se Tschirnhaus tivesse procurado concluir o que ficara acabado por Espinosa”. Os dois livros podem ser apresentados, nessa perspectiva, como textos que contêm, de forma subterrânea ou explícita, uma relação entre dois amigos.

Não é difícil entender como é apropriada a publicação das duas obras – o *Tratado da Emenda do Intelecto* de Espinosa e o *Medicina da Mente* de Tschirnhaus – no mesmo volume. Mas como conseguiremos especular qual é exatamente o impacto da primeira obra sobre a segunda? Seria Tschirnhaus um “espinosista herético” ou o espinosista de uma “fidelidade infiel” ao mestre, assim como Espinosa havia sido em relação a Descartes<sup>1</sup>?

A quem tiver disposição de enfrentar tais perguntas, não resta outro caminho a não ser procurar mais informações na correspondência entre Espinosa, Tschirnhaus e Schuller (colega de moradia de Tschirnhaus que assumiu, em algumas situações, o papel de mediador da conversa). De modo a facilitar todo este trabalho, a publicação do intercâmbio epistolar mantido pelos três complementa a tradução das duas obras principais do volume, dispondo

1 Aludimos à tese da “fidelidade infiel” de Espinosa com relação a Descartes, proposta por Chauí (1998). Espinosa teria sido nessa concepção *fiel* a Descartes ao expor seu sistema exatamente como ele era, mas *infidel* no modo como ordenou o discurso cartesiano, passando assim àquilo que seria sua própria ordem para filosofar.

todo o universo de dados que pode ajudar no entendimento das questões ali tratadas. Não é, entretanto, suficiente ler esse bloco da correspondência para chegar a respostas muito precisas. O trabalho de medir as influências, as oposições e as complementaridades que estabelecem depende também do estudo de outras obras, tanto de Espinosa, quanto de Tschirnhaus. Este último deixou, além de trabalhos científicos, uma *Medicina do corpo*. Diferentemente de Espinosa, que já possui várias obras traduzidas para o português, o conjunto de textos de Tschirnhaus que Samuel Thimounier traduziu (a epístola dedicatória, o prefácio e a primeira parte do *Medicina da Mente*), é a única produção do correspondente de Espinosa que conhecemos em nossa língua. Mas isso não deve inibir qualquer investigação, pois além de contar com outras obras de Espinosa já publicadas em português, nesse mesmo volume agora lançado, são encontradas outras cartas do epistolário espinosano que se relacionam aos assuntos comuns aos dois personagens: as cartas trocadas entre Espinosa e Simon de Vries, e as que foram mandadas por Espinosa a Johannes Hudde e a Johannes Bouwmeester.

Destaques muito especiais devem ser feitos a três características da publicação que agora temos em mãos: o primeiro se refere ao cuidado da tradução bilíngue feita por Samuel Thimounier, o segundo, à qualidade dos comentários dispostos por Cristiano Novaes de Rezende, e o terceiro, ao rigoroso trabalho de revisão conduzido por Luís César Oliva e Ericka Itokazu.

A fim de compreender a dimensão do cuidado do tradutor com as obras, é preciso recordar, antes de tudo, que o *Tratado da emenda do intelecto* é a obra mais traduzida de Espinosa para a língua portuguesa. Se concordamos, por um lado, que a existência de traduções prévias de uma obra facilita a realização de uma nova tradução, por outro lado, no caso preciso da obra em questão, a dificuldade não se dilui, pois o texto é dos mais árdus da lavra de Espinosa. E não faltou, da parte de Samuel, disposição de seguir incansavelmente os critérios que ele definiu para traduzir o texto latino de Espinosa, entre eles, o de buscar tanto quanto possível vocábulos em português que fossem similares aos do latim, indo, como ele mesmo observa, ao limite da latinização. O valor dessa tradução,

e que a diferença de todas as anteriores, é a quantidade de informações dispostas em notas de tradução, e que leva a leitura, como que pela mão, ao entendimento das entrelinhas e das polêmicas que percorrem o texto. O trabalho zeloso feito na tradução do *Tratado da emenda do intelecto* se repetiu na tradução das cartas e na tradução do *Medicina da Mente*, texto cujo original foi não apenas de difícil acesso, mas também de árdua compreensão<sup>2</sup>.

Leitor e intérprete experiente do *Tratado da emenda do intelecto*, Cristiano Rezende introduziu as obras traduzidas empregando algumas ideias e formulações que vem apresentando há tempos em palestras e artigos científicos. O arranjo que deu ao texto da introdução, bem como ao do posfácio, constitui, todavia, uma forma nova, que tem em vista atrair a atenção não só de quem se interessa pela *Emenda do intelecto*, mas pela obra de Espinosa como um todo. Cristiano situa as traduções de Espinosa e Tschirnhaus no contexto da reforma lógica que os séculos XVI e XVII procuraram levar adiante, e não hesita em circunscrever o efeito do *Tratado da emenda do intelecto* no rol das obras que durante esse período pretendiam configurar uma terapêutica do intelecto, capaz de levá-lo a descobrir em si mesmo, pelo exercício de inteligir, a causalidade imanente, isto é, o nexos que estrutura a realidade. O posfácio, atentamente redigido com a finalidade de extrair algumas consequências da presença dos diferentes textos no mesmo volume, mostra como o texto do *Da emenda* está no mesmo plano da obra madura de Espinosa e implica inevitavelmente temas políticos.

Não é difícil supor o trabalho que todos os originais, as traduções, os comentários, as notas e os apontamentos exigiram dos revisores. A edição publicada envolve um trabalho de esmerada curadoria, conforme afirma Cristiano no início de sua “Introdução”. Textos diferentes foram arranjados de tal maneira que ganham um novo sentido, conduzindo quem os acompanha a notar aspectos do pensamento de Espinosa que frequentemente passaram despercebidos. Não obstante, a possibilidade de nos aventurarmos

<sup>2</sup> Em torno do *Tratado da emenda do intelecto* foram traduzidos também, com idêntica excelência, o trecho do prefácio das *Obras póstumas* de Espinosa que aborda o conteúdo desse primeiro escrito de Espinosa e seu índice, elaborado pelo editor Carl Hermann Bruder.

em um volume tão plural e diverso, sem perder de vista certa uniformidade textual, só foi possível graças à cuidadosa e eficiente revisão técnica de Ericka Itokazu e Luís César Oliva.

É bem provável que a conjunção dos títulos estampados na capa dessa publicação nos leve a pensar, com estranheza, que se trata de um volume que combina dois campos do conhecimento considerados muito distintos um do outro: a lógica e a medicina. Entretanto, conforme escreveu Adelino Cardoso na apresentação ao livro *Medicina dos afetos* – que contém a correspondência entre Descartes e Elisabeth – “*cuidar e cogitar* provêm de um mesmo étimo latino: *cogitare*”, e essa comunidade etimológica que abrange os dois termos “pelos quais se designa o ato médico e o exercício filosófico é um bom motivo de reflexão” (Cardoso, 2001, p. 13). Nada mais exato! As atividades mentais de entender o real, cuidar da saúde da mente e curar as doenças do ânimo estão em consonância e, por isso, o livro não esgota seus horizontes no papel de valioso instrumento de trabalho para especialistas em filosofia, história ou filosofia e história da ciência, mas se estende a psicólogos, educadores, médicos e amantes da literatura. Não será exagero afirmar que o livro se destina, em seu sentido mais profundo, a qualquer pessoa, embora saibamos que nem todo mundo terá facilidade de entendê-lo. Ele se destina a qualquer pessoa justamente por ser um ato de resistência às forças políticas e teológicas que, julgando-se especialistas ou não, desejam possuir a verdade apenas consigo mesmas, alcançando sozinhas a glória de conhecê-la enquanto os outros dela carecem. A arte de descobrir as coisas por nós mesmos não pode ser outra coisa senão uma ruptura com quem deseja manter a exclusividade do saber apenas na mente alguns. Se o livro vier a ser recebido com alguma dificuldade por quem desconhece o vocabulário e o modo de escrever dos filósofos do século XVII, essa dificuldade poderá ser desfeita pelas notas de tradução, pelos textos que abrem e fecham o livro e, finalmente, pelo conjunto de referências disponíveis nas páginas finais.

Convém lembrar as palavras do sábio Epicuro bem no início de sua epístola a Meneceu: nunca é cedo demais ou tarde demais para se entregar à filosofia. Nesse caso, podemos dizer: nunca é difícil demais se entregar

“por si mesmo” à experiência de descobrir conhecimentos. No tempo em que se tornou trivial a discussão sobre algo que chamam de “inteligência artificial”, é fundamental pensar a emenda do intelecto, a cura do ânimo e a saúde mental que naturalmente temos. Se as obras traduzidas eram fundamentais no tempo em que foram redigidas (pois a descoberta de novos conhecimentos era indesejável por todo poder teológico-político), ela é apropriada também nos dias atuais, momento em que notamos a existência de um número cada vez maior de pessoas sentindo incontida alegria e satisfação em deixar que um cérebro eletrônico pense por elas, ignorando as eventuais vantagens que oferecem os novos recursos tecnológicos.



## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Adelino. Os conselhos do médico-filósofo. In: CARDOSO, Adelino; Ferreira, Maria Luísa Ribeiro. **Medicina dos afectos** – Correspondência entre Descartes e a princesa Elisabeth. Tradução de Inês Cardoso e Paulo de Jesus. Oeiras: Celta, 2001, p. 13-25.

CHAUI, Marilena. **“Fidelidade infiel: Espinosa comentador dos *Princípios da Filosofia* de Descartes”**. *Analytica* 3(1), p. 9-74, 1998.

CHAUI, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DESCARTES, René. **Regras para a direção do espírito**. Tradução de António Reis. Lisboa: Estampa, 1971.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Jacob Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Descartes, René. **Meditações metafísicas**. Tradução de Jacob Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ESPINOSA, Bento de. **Tratado da Emenda do Intelecto; Medicina da mente; Correspondência completa entre Espinosa, Tschirnhaus e Schuller e outras cartas conexas**. Prefácio, preparação dos textos latinos, tradução e notas de Samuel Thimounier. Introdução e posfácio de Cristiano Novaes de Rezende. Belo Horizonte: Autêntica. Coleção: Filô: Espinosa, 2023.

MEYER, Lodewijk. Prefácio. In: Espinosa, Bento de. **Princípios da filosofia cartesiana & Pensamentos metafísicos**. Tradução: Homero Santiago e Luís César Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 33-41.

